

ALEXANDRA, A CASSANDRA ELÍPTICA

Révia Lima Herculano

Escolhi, para esta apresentação, parte de minha pesquisa em literatura grega e literatura comparada, fragmentos da obra que surpreende pela excessiva originalidade: *Alexandra* do poeta Licofron que surge entre 285a.C e 246 a.C., e que guarda a voz oracular da profetisa desacreditada, a princesa de Troia, amaldiçoada pelo deus Apolo, a quem era dedicada, e que, por se ter negado a compartilhar o leito, foi vítima de sórdida vingança, pois o nume desapropriou-a do poder de persuasão. Cassandra foi tomada, desde então, por terríveis transes e outras manifestações de desequilíbrio emocional.

A obra traz intenso hermetismo e complexa comunicação verbal, embaralhando tempo e história numa acronia e num antagonismo obscuro e vanguardista. Obscuro constatado nos versos elípticos, vanguardista na singularidade do léxico e na angústia das expressões barrocas. Por não possuir a dialógica da tragédia, mas vincular-se com a épica, pois aborda guerras e feitos heroicos, é oportuno classificá-la como criação híbrida.

Segundo Trajano Vieira, a palavra que melhor explica a peça é o vocábulo bizantino *Suda*, que significa *poema obscuro*. Leitores contemporâneos observam no *Alexandra* componentes do barroco e outros veem traços do surrealismo francês, de modo que a antiga e nebulosa obra não assusta tanto, sendo a única criação do poeta Licofron publicada no Brasil. Este, um dos sete poetas da plêiade helenística, trabalhou na Biblioteca de Alexandria, no tempo de Ptolomeu II de 285a.C a 246 a.C. Assim, o poema, carregado de interferências anímicas, não segue linguagem convencional, envolve-se de referências enigmáticas que incitam estudiosos, adquirindo a admiração de muitos.

No fragmento a seguir, um servo informa de modo fiel a Príamo, pai de Alexandra e rei de Troia, o que ouviu, momento em que o mensageiro pede para repetir as palavras da princesa:

Vim reportar-lhe, senhor, a elocução oblíqua
da moça apolopossuída, pois mandaste-me
vigiar sua cela pétrea e repetir exato
o que ela proferisse, como um núncio crível.
(LICOFRON, 2017, p. 175, vv. 1461-1471).

Lícofron traz beleza ao texto porque ousa nas justaposições e pelo intrincado sistema de ecos e reflexos, diz Yourcenar. Já Haroldo de Campos valoriza o monólogo por ter argumentos de uma pitonisa considerada louca e pela transposição fragmentária de um discurso por natureza descontínuo e estilhaçado. É, pois, uma obra de grande valor para a compreensão da mitologia grega e antecipa quase mil anos de história, desde a destruição de Troia à fundação de Roma. Precede todas as vitórias de Alexandre, o Grande, prevê a *Eneida* de Virgílio e inclui a narrativa da *Odisseia* de Homero.

Segundo Vieira, para criar sua personagem, é possível que o poeta Lícofron tenha se inspirado na figura de Cassandra da obra *Agamêmnon* de Ésquilo, pois os traços de desequilíbrio da troiana dão substância ao enigmático e ao incompreensível, no embaralhar de passado e futuro, universo de anulação do tempo, ao qual seu autor recorre. Não há um padrão linear, e se observa uma orgia de neologismos que dificulta a investigação literária do texto.

Nos próximos versos, a profetisa revela-se uma estranha que deseja exhibir, paradoxalmente, ostensiva alegria pela união com Agamêmnon, o rei vencedor. Somará a euforia de se casar com o soberano à imensa satisfação de vê-lo destruído, prevendo também os ciúmes de sua esposa Clitemnestra. Alexandra vingará a morte de seu pai, a destruição de sua pátria e de todos os seus irmãos. Lícofron inclui nesse momento o fim trágico da troiana. É o discurso em que a bela Alexandra descreve a truculência de seu assassinato e o de Agamêmnon por Clitemnestra. As palavras da princesa são plenas de neologismos e imagens terríveis: a descrição do pânico do rei; o caráter de “leoa” da rainha e, acima de tudo, o corpo dela mesma que é ferido por um instrumento tão brutal quanto o machado, o “talhabosque”, que jazerá à margem de uma banheira.

Leiamos:

Ele, ao banhar-se, no desêxodo de um nó
estrangulante, atrás de uma saída, pleni-
atarantado em circunliames, com as mãos
cegas tateará as franjas das costuras.
[...]

O simulacro voará a Tênaro,
descortinando a leoa, lúgubre guardiã.
E jazarei no chão, à beira da banheira,
um talhabosque montanhês golpeará
meu pescoço e meu dorso, retalhando o corpo
inteiro, frígido de sangue. A serpe, ávida,
repisará minha goela, saciando
o coração de bile abjeta, como se
não fosse de um butim de guerra, mas de oculta

esposa que o ciúme sórdido vingasse.
 Ao meu consorte, déspota que não me escuta,
 rogarei em seu rastro, alada de um resopro.
 (LICOFRON, 2017, p. 137-139, vv. 1099-11)

Observe-se, a seguir, como o canto de *Alexandra* envolve uma proximidade lexical, semântica e metafórica nutrida por evocações que semelham os textos de Lícofron do séc. II a.C com um texto poético, criado no séc. XXI, distante, pois, no tempo e na história, o que embasa o estudo em literatura comparada.

[...]
 eu que apartei do leito o deus que me queria,
 para manter-me intacta até a velhice extrema:
 Láfria Palas misógama.
 [...]
 Frenética paloma, o bico adunco do falcão me arrastará ao leito
 do abutre violentamente, a mim, que outrora
 solicitei frequentemente ajuda à virgem ...
 desviarei as pupilas para a cumeeira
 ao descender do céu urânio e trono olímpico,
 o bem magniprecioso ao meu ancestre Ilos.
 (LICOFRON, 2017, p. 61, vv. 348-364)

Nas sedes constelares

Arcanjo refratário, fiel e adoecido,
 defende, cabisbaixo, os brios do arraial.
 Ternura sem crédito, ente abolido,
 virgem princesa de essência maternal!
 Rejubilam-se tenazes os carrascos,
 sobrepujando o inocente pânico.
 Assim, no leito do aviltamento caem
 lágrimas que correm nesse exílio tirânico.
 De repente, no inquietante agora,
 mastros perfuram nuvens, e ao fazê-lo,
 crateras e abismos na rósea aurora:
 Constelada sacerdotisa, novíssima estrela!

Análise-se: O ser refratário, resistente, é a mesma Alexandra que se retroalimenta de dores e desventuras, portando a misogamia de Palas Atena, a virgem filha de Zeus, é comparável à virgem princesa filha de Príamo, ente abolido. A cela a céu aberto, de pedra e sem cumeeira, onde habitava a princesa, faz analogia com os mastros perfurando nuvens. Paloma dócil, que suplica ajuda, por estar no bico do falcão, seria a situação do inocente pânico. A estância a céu aberto, sugerência de desamparo, conduz ao exílio tirânico, ao leito do aviltamento. Outrossim, há crateras e abismos na rósea

aurora, com espaço celestial, trono olímpico, similares à constelação onde deslinda a princesa de Troia, agora estrela, no bem magniprecioso.

A obra resulta, portanto, de uma intratextualidade e é, no dizer de Ezra Pound, uma unidade emocional.

Muito Grata!

REFERÊNCIAS

BISOL, Luciano H. *Evãn, evoé!* a canção báquica de Cassandra em *As Troianas* de Eurípides. Revista Tabuleiro de Letras / Programa de Pós-graduação em Estudo de Linguagens – PPGEL-UNEB. v. 17 n. 2 (dez. 2023) – Salvador: UNEB; 2023.

DA CRUZ, Carlos Henrique Souza. *Os Arquétipos Junguianos Anima e Animus e seu balanceamento através da Arte I*. São Paulo: AATESP, v.4, n.2, 2013.

ÉSQUILO. *Agamêmnon*. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras FAPESP, 2004.

HOMERO. *Iliada*. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LÍCOFRON. *Alexandra*. Tradução de Trajano Vieira. São Paulo, SP: Editora 34, 2017.

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada*. São Paulo: EDUSP, 2010.